

o eclipse de Lobato como chefe intelectual foi logo compensado pelo aparecimento de Mário de Andrade. "Mas eis que surge o Mário", confabula. "Para que mais? Escreve tão bem como eu... Fará as minhas vezes. Continuei aqui".

Nessa condição, resta-lhe ser chefe intelectual em Jaú, coisa tampouco muito garantida, já que não há futuristas na cidade e aos camonianos e lobatianos lhes é incômodo reconhecer outro chefe que não Lobato e Camões. Além de Bertino, contam-se uns poucos letrados: Helvídio Gouvêa, guarda-livros e sonetista mediano que mais tarde escreverá alguns versos livres em Campinas sob a influência de Aristides Monteiro; um certo Oliveira e Souza, autor dos *Piraquaras*, contos muito lobateanos; e, desde meados do ano, Luís de Lacerda, colaborador em Campinas da revista *A Onda*, e o próprio Aristides Monteiro, também campineiro, por ora tradutor de telegramas da Agência Havas no *Correio Paulistano*. Eram uma boa família de jovens intelectuais aí entre os 18 e 25 anos, todos mandando colaboração regular para o *Comércio de Jaú*, embora nem todos se conhecessem pessoalmente; nenhum, de resto, francamente versilibrista. Mesmo assim Apolônio entregava-se por vezes à fantasia de imaginar uma província futurista. Recenseando a escassa vida cultural da cidade, mystifica: "Diversos livros estão no prelo, outros se preparam, fazem-se conferências, discute-se a arte, e há mesmo entre nós quem se interesse pelas mais avançadas teorias da arte moderna, as propague e ensaie..."²³ Refere-se naturalmente a si mesmo, como certamente também pratica auto-exortação quando se dá ares de conselheiro ao dirigir-se paternalmente "a um jovem futurista" para advertir: "Tens na tua beleza a revolta contra todas as coisas torpes; no movimento do teu sangue a revolta contra todas as coisas mortas, anquilosadas, pétreas; no teu coração livre a revolta de todos os Prometeus contra todos os Destinos".

RODRIGUES DE ABREU: A BUSCA DO PONTO DE EQUILÍBRIO

A eclosão de Mário de Andrade como dínamo e motor da reforma, no segundo semestre de 1921, a partir da série "Os mestres do passado", não passou despercebida à província. A série assinalou um salto qualitativo importante na etapa evangelizadora do movimento: passava-se da publicidade de choque praticada por Menotti (crônicas, sueltos, vinhetas impressionistas) a um exercício crítico de alto calibre, espécie de balancete do academismo que continha, implícito, um prognóstico do futuro.

Em Bauru, onde o *Jornal do Comércio* chegava com um dia de atraso, um poeta e funcionário de cartório que seis anos depois

morreria tísico, Benedito Rodrigues de Abreu (1897-1927), esquecia momentaneamente sua devoção ao soneto para admirar-se da ousadia desse estranho futurista. "Nada de chapéu na mão, nada de humildade, aplaudi", confessou ele mais tarde. E tratou logo de enviar a Menotti uma primeira composição experimental em versos livres, "A sala dos passos perdidos", publicada no *Correio* de 12-9-1922 e depois incorporada a seu livro homônimo.²⁴

A conversão desse poeta nunca se deu inteiramente, por força de suas ligações com Amadeu Amaral, de quem era *protegé*, e de sua admiração pelos "mestres do passado". Em novembro de 1922 parecia decidido a "rimar" suas "atitudes com os versos dos poetas tuberculosos", o que para ele significava, àquela altura, fazer "versos futuristas sem rima e sem metro, mas cheios da cadência criadora do Pensamento".²⁵ Assim, cadência era o limite que se impunha, opondo-o por sua vez ao artificialismo técnico que ele via nos modernistas, como parece fazer crer uma sua observação de 1923: "Não pude ainda me libertar deste romantismo piegas. Dizem que é mal de família. Minha mãe era muito impressionável e mística. A minha educação é de seminário. É difícil livrar-me, não é? Mas você não acha que artificialismo e intelectualismo não são ainda piores que as lamúrias de Casimiro de Abreu?"²⁶

É notável que onde Apolônio Hilst via ingenuidade e espontaneidade naïf, Abreu veja cerebralismo. Logo após a Semana, um companheiro da província, Brenno Pinheiro, tentou atraí-lo a São Paulo. "É preciso que apareças com vagar", escreveu-lhe Brenno, "quero saber o que pensas sobre o atual momento artístico, o que dizes da arte moderna". A resposta de Abreu foi ambígua: "Vê, Brenno, francamente não penso e não digo. Tenho medo de pensar e de dizer... Mário de Andrade, Menotti, Graça Aranha estão, de um lado, pensando e dizendo. Eu sigo o pensamento deles e escuto o que eles dizem. Como a virtude está no meio, coloco-me quase no meio, mais perto um pouco do modernismo. Mas que poesia enternecedora, Brenno, a de Amadeu Amaral, na "Lâmpada Antiga". Leste? E que grande poeta é Manuel Bandeira!"²⁷

Essa precavida busca do ponto de equilíbrio terminou por fixá-lo num estágio de medianidade onde alguns o consideravam moderno, outros não. Era àquela época o poeta mais prestigiado do interior paulista. Teria sido apaziguante ao grupo paulistano tê-lo ostensivamente de seu lado. Cassiano Ricardo, em análise posterior, chegou a incluí-lo equivocadamente entre os participantes da Semana. Para Plínio Salgado, Abreu era "poeta na mais exata significação da palavra", mas não correspondia "ao meio e ao tempo", era apenas "o gemido do homem". Menotti, que se considerava seu descobridor, qualificou sua poesia de "ágil e liberta, sem